

FLORIANÓPOLIS, AGOSTO 1979

NÚMERO ZERO

BOI de MAMÃO

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

Amílcar Neves

Átila Ramos

Cruz e Sousa

Domingos Fossari

Edson Machado

Eike Bell

Gilberto Gerlach

Hassis

Jayro Schmidt

João Nicolau Carvalho

Lauro Junkes

Martinho de Haro

Meyer Filho

Orlando Tambosi

Ubiratan Machado

ESTES
ILUSTRES
SENHORES
BRINCAM
NESTA
DANÇA:



Arquivo G. Gerlach

DAS IMPERFEIÇÕES DO "BOI"

Se existe algo de imperfeito em ser experimental, então "Boi-de-Mamão" será experimental. Isto não é uma desculpa, é uma opção. A cultura catarinense está aí, rica, inexplorada, diversificada, complexa. Como a gente vai sondá-la, buscar o seu desvendamento, descobrir os escondidos tesouros, os valores merecidos, a não ser experimentando?

Cada número nosso promete ser um rosário de falhas e omissões. Nisso, sem dúvida, se constituirá a nossa principal virtude.

Mas não desesperem os omitidos. Estaremos aqui para receber cartas, repreensões, dicas, sugestões, toda e qualquer colaboração e participação. É assim que poderemos nos encontrar.

Os Editores



BOI de MAMÃO

Edição da Fundação Catarinense de Cultura

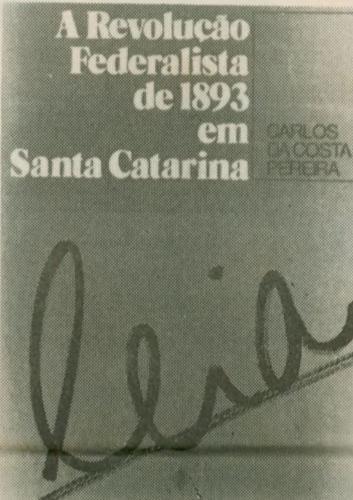
Diretor Responsável: João Nicolau Carvalho
Editor Chefe: João Paulo Silveira de Souza
Editora de Texto: Colaca Grangeiro
Editor de Arte: Max Moura
Arte: Kleber Rigueiras, Sérgio Ramos, Armando Milano, Jorge Vieira.
Composição de Texto: Arlete Raupp, Carmem Dolores Campo, Déborah Lacombe, Júlia M. M. Emerim, Lenir Silva, Maria Helena Milani Bento, Vilmar Micheluzzi
Serviços Gráficos: Neri Marçal
Revisão: Magda Schenkel, Marise Andrade, Dacio Osti
Colaboraram Neste Número: Alcides Buss, Amílcar Neves, Domingos Fossari, Elke Bell, Gilberto Gerlach, Hassis, Jayro Schmidt, Luiz Paulo Peixoto, Martinho de Haro, Orlando Tambosi, Rose Pirajá Martins, Ubiratan Machado, Ury Azevedo, Vera Collaço.

Composto e Impresso Nas Oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina - 1979

Holdemar Menezes Pera O BARCO NAUFRAGADO

O BARCO NAUFRAGADO — Holdemar Menezes. capa de Kleber Rigueiras, 84 pp. — Cr\$ 80,00. Coleção Cultura Catarinense/SEC.

34 crônicas literárias, agrupadas no mesmo livro em dois conjuntos: "Do quase riso" e "Da quase angústia". Em epígrafe, o autor cita Ney Messias: "A crônica é uma oportunidade única para se fazer de tudo: poesia, sociologia, religião e besteira. Não prefiro a crônica por outro motivo, senão pela oportunidade de variar, incontrolavelmente".



A REVOLUÇÃO FEDERALISTA DE 1893 EM SANTA CATARINA — Carlos da Costa Pereira. capa de Kleber Rigueiras. 140 pp. — Cr\$ 80,00. Coleção Cultura Catarinense/SEC.

Um dos trabalhos mais perfeitos realizados em Santa Catarina sobre o tema. O rigor da pesquisa histórica apresentado numa linguagem de estilo claro, lúcido e bem humorado.

 À venda nas livrarias e bancas de Florianópolis.

PEDIDOS PARA:
 Fundação Catarinense de Cultura
 Rua Victor Konder, 71
 88.000 — Florianópolis, SC

CONCURSO

Othon d'Eça

O AUTOR CATARINENSE
 EM "MARATONA"
 PARA O 2o. GRAU



"A Escola Participa" é o nome da maratona cultural que a Fundação Catarinense de Cultura está levando aos colégios de 2o. grau, neste semestre de 79. O objetivo da Fundação é incentivar a formação do hábito de leitura, a capacidade de interpretação de textos, o desenvolvimento da prática de redação, além de tornar conhecidas a vida e a obra de escritores catarinenses entre os estudantes, sendo que nesse processo os professores de português têm uma importância fundamental como os verdadeiros executores da idéia.

Para este semestre foi escolhido para redação dos alunos de 2o. grau em todo o Estado, o livro de Othon D'Eça, **Homens e Algas**, um autêntico clássico da literatura catarinense. Orientados pelo seu colégio e professores, os estudantes deverão redigir trabalhos de interpretação do livro proposto, trabalhos que — após uma seleção inicial dos próprios colégios — serão remetidos por estes à Fundação para julgamento final e premiação dos três primeiros lugares. A maratona cultural já obteve o apoio da Secretaria de Educação e o patrocínio do Banco do Estado de Santa Catarina S.A. Os trabalhos de alunos, selecionados no julgamento final, receberão os prêmios: 1o. lugar — Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros); 2o. lugar — Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros) e 3o. lugar — Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros).

Como Vai Funcionar a Maratona

O trabalho redacional sobre o livro **Homens e Algas** — proposto pela FCC — será solicitado pelos professores de língua portuguesa e literatura brasileira aos seus alunos. A redação poderá ser datilografada ou manuscrita e deverá ter, no mínimo 350 e no máximo 1000 palavras. Cada Escola selecionará um trabalho, que deverá ser remetido à FCC.

Os alunos vencedores das Escolas concorrerão a três prêmios estaduais, segundo critérios a serem estabelecidos por comissão a ser constituída pela FCC.

Cronograma

Os alunos deverão entregar os trabalhos ao professor de seu colégio até 1 de outubro. O colégio enviará o trabalho selecionado para a Fundação Catarinense de Cultura até 20 de outubro. E, por sua vez, a FCC deverá divulgar os três classificados até 15 de novembro, fazendo a entrega dos prêmios entre 20 e 30 de novembro.

Domingos Fossari



CONCURSO "BOI-DE-MAMÃO" CONTO, POESIA, FOTOGRAFIA E CARTUM

Os trabalhos premiados serão aqueles selecionados para publicação No "Boi-de-Mamão" e o autor receberá como prêmio Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros).

Condições

Contos e Poemas — datilografados em espaço dois, em três vias. Tema livre.

Fotografia e Cartum — uma via, 18x24, em preto e branco. Tema livre.

Os trabalhos deverão ser remetidos à:

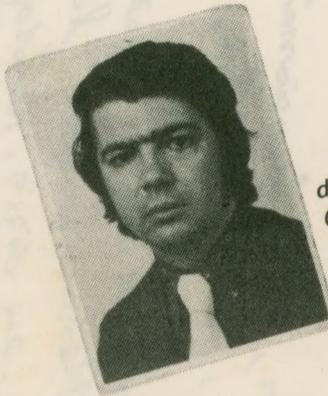
Fundação Catarinense De Cultura
 — Concurso Boi-de-Mamão
 Rua Victor Konder, 71
 88.000 — Florianópolis, SC

João Nicolau Carvalho

"... temos também a preocupação de fazer com que determinadas atividades da área cultural tendam a possibilitar alguma receita, cujos recursos serão reaplicados em projetos de difusão cultural".

"Costumamos dizer que uma religião não requer apenas um corpo de sacerdotes que saibam o que estão fazendo; requer também, um corpo de fiéis que saibam e vivam o que está sendo feito".

"... entre todo o alvoroço de caos contemporâneo, as coisas que juntamos sob o nome de cultura e civilização têm de ser defendidas, pois estão entre aquelas razões pelas quais a vida é digna de se viver".



O Superintendente da Fundação Catarinense de Cultura — implantada no início deste ano pelo Governo Jorge Konder Bornhausen, — apresenta ao "Boi-de-Mamão" as perspectivas daquela entidade para a confrontação dos problemas culturais de Santa Catarina.

BOI-DE-MAMÃO: Iniciando a FCC — como todos sabemos os primeiros passos, como visualiza os problemas culturais de SC e a maneira de solucioná-los administrativamente? Existe já uma filosofia de ação para nortear os múltiplos e complexos aspectos de apoio e dinamização das atividades culturais no Estado?

JNC: — O Estado de Santa Catarina, pela singularidade de sua colonização - germânica, açoriana, madeirense, italiana, vicentina - gauchesca - para citar as principais, sugere um verdadeiro "arquipélago cultural", riquíssimo em manifestações artístico-culturais ainda não convenientemente interrelacionadas. Talvez, sob este aspecto, o nosso Estado seja ímpar no Brasil. Entretanto, justamente por esta razão, reside aí o maior desafio da Fundação Catarinense de Cultura, qual seja, o de fazer com que os catarinenses se conheçam a si mesmos.

A FCC, em boa hora criada pelo governador Jorge Konder Bornhausen, não está preocupada em fazer o que se poderia chamar de "Cultura Oficial". Por definição estatutária, a FCC, supervisionada pela Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, executa a política de desenvolvimento cultural formulada pela Secretaria através do Conselho Estadual de Cultura.

A execução da política cultural do Estado pode, através de uma Fundação, desenvolver-se de uma forma bastante ágil e extremamente dinâmica.

Entendemos ser a Cultura um corolário da Educação e nossa filosofia de trabalho está integralmente voltada no sentido de aglutinar, sempre, todos aqueles que, entre nós, dedicam-se às coisas da Cultura. Não se pode compreender que as atividades culturais sejam distintas e exclusivas; ao contrário, só por um desdobramento e uma fusão de interesses, pela participação e compreensão mútua, a coesão necessária para a cultura pode ser obtida. Costumamos dizer que uma religião não requer apenas um corpo de sacerdotes que saibam o que estão fazendo; requer também, um corpo de fiéis que saibam e vivam o que está sendo feito.

BOI-DE-MAMÃO: Vamos falar da infra estrutura. As dotações de verbas são suficientes? Há outras "saídas" financeiras previstas pela FCC, para além das dotações orçamentárias governamentais?

JNC: — Na verdade, não se pode dizer que as verbas destinadas à cultura sejam expressivas. O problema, no entanto, parece-nos geral. O próprio Ministério da Educação e Cultura, no orçamento de 1979, dispõe de apenas Cr\$ 822 milhões para o setor cultural, o que representa cerca de 2,5 % do orçamento global do MEC, que é de 32 bilhões e 648 milhões de cruzeiros.

Esta limitação orçamentária, no entanto, não chega a representar um desestímulo.

Muito embora os recursos para o exercício corrente não sejam os ideais, consideramos suficientes para a definição de algumas estratégias e de alguns resultados práticos também.

Além do mais, pretendemos, sempre que possível, buscar recursos de outros órgãos, especialmente do Governo Federal - MEC, FUNARTE, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e outros.

Por outro lado, temos também a preocupação de fazer com que determinadas atividades da área cultural tendam a possibilitar alguma receita, cujos recursos serão reaplicados em projetos de difusão cultural.

BOI-DE-MAMÃO: Existem "pontos de estrangulamento" visíveis na cultura catarinense, tais como a quase inexistência de um mercado consumidor estável para literatura e arte, ou os "ilhamentos" regionais, que dificultam e dividem os esforços de nossos criadores de cultura. Como a FCC pensa enfrentar esses problemas?

JNC: — Como já dissemos, nosso Estado tem características muito particulares no contexto nacional, em razão, principalmente, do legado cultural dos grupos étnicos que colonizaram nossa terra. No entanto, julgamos que precisamente pela diversidade de etnias, mais representativas se tornam as manifestações de cunho artístico da nossa gente. Trata-se de um verdadeiro caleidoscópio cultural.

Dentro do propósito da fazer com que os catarinenses se conheçam a si mesmos, a FCC já está viabilizando algumas medidas que, sem sobra de dúvida, irão contribuir para que objetivo seja alcançado. Está circulando o primeiro número do "Boi-de-Mamão", editado pela FCC, inicialmente de circulação bimestral, contando, em suas páginas, com concursos permanentes de contos, poesias, fotografias, cartuns. Ainda na área da literatura, estamos tratando do Instituto Catarinense do Livro e do Clube do Leitor, dispoendo de um Fundo Editorial em condições de possibilitar, a curtíssimo prazo, a edição de, no mínimo, duas obras de autores catarinenses por mês.

Recentemente, a FCC co-promoveu, juntamente com a CITUR, o Panorama Catarinense de Arte — PAN' ARTE/79, realizado no Pavilhão de Exposições, em Balneário Camboriú. Esta mostra reuniu, durante 11 dias, mais de 150 artistas catarinenses, com um total superior a 500 obras, apresentando um elevado número de visitantes.

A promoção, plenamente exitosa, deverá se repetir a cada ano, numa ação conjunta cultura-turismo.

Outra estratégia destinada a minimizar o chamado "ilhamento" regional de Santa Catarina, em termos de cultura, será traduzida pela Itinerante de Literatura e Arte, um programa bastante ambicioso, no qual depositamos a certeza de absoluto sucesso. Os escritores e artistas catarinenses visitarão as unidades de ensino do nosso Estado. Outra iniciativa, que deverá contar com a participação da Secretaria da Educação, será a Maratona Cultural "A Escola Participa", através da qual os estudantes de todos os níveis interpretarão as obras de autores catarinenses.

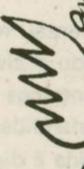
Acreditamos que estas medidas, a par de outras que estamos tomando nas áreas de museus, patrimônio histórico, artesanato, clube de cinema, lazer (o Festival da Pandorga), assim como a implantação do Circo - não apenas para espetáculos circenses, mas também exposições de arte, lançamentos de livros, recitais de poesia e dança - essas medidas contribuirão de maneira decisiva para, como já dissemos, minimizar o ilhamento cultural catarinense, além de possibilitar, a médio prazo, o fortalecimento do mercado consumidor de cultura em nosso Estado que, ao contrário do que muitos pensam, existe em termos potenciais.

BOI-DE-MAMÃO: Poderia a FCC aglutinar num esquema de apoio e defesa, tradicionais associações ou grupos culturais de Santa Catarina, tais como as bandas musicais, sociedades literárias, dramáticas e recreativas, ou mesmo antigos criadores individuais como os artesãos?

JNC: — Como já frisamos, de quase nada adiantará o esforço do Governo do Estado, através da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo e da nossa Fundação, se não pudermos contar com o apoio de todas as entidades que se dedicam à cultura. Por isso, é fundamental que se estabeleça um processo de permanente interação entre essas entidades e a FCC. Por dever de ofício, temos a obrigação de aglutinar todas essas entidades, no sentido de fortalecê-las. Esta preocupação, por parte da FCC, assume uma importância muito grande, se considerarmos a responsabilidade que todos devemos ter na preservação dos nossos valores culturais, que são, em última análise, a própria história da nossa gente, para que se possa fazer frente às tentativas de dominação cultural, sempre presentes em nosso meio. A cultura, as tradições, os valores artísticos da nossa gente devem ser preservados a qualquer preço.

Esta é a nossa preocupação fundamental: responsabilidade de quem acredita que, entre todo o alvoroço do caos contemporâneo, as coisas que juntamos sob o nome de cultura e civilização têm de ser defendidas, pois estão entre aquelas razões pelas quais a vida é digna de se viver. Responsabilidade, ainda, de quem, quando nossos filhos nos perguntarem, daqui a 20 anos, "Que fizestes naqueles tempos?" não ficará satisfeito respondendo, como o revolucionário francês depois do Terror: "eu sobrevivi". Responsabilidade de todos nós, pois a cultura é um corolário da educação e é inquestionável sua importância na elevação do espírito do homem - razão de ser do binômio educação-cultura.



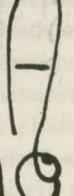
Entre ~~xxxx~~ com  (cidadão)

Meyer Filho (artista plástico)

1) Tara começar, é bom ser um artista plástico em Santa Catarina?

Neste pobre e pobre planeta terra, onde a província de Florianópolis, como em New York, Londres, Paris, ou qualquer grande cidade do mundo, a tradição humana continua. De cada 4 pessoas que habitam o planeta, duas são "ADÃO" e "EVA", uma é "Caim" e a última é "ABEL", que se não se cuida, terá seu mesmo fim. Traduzindo isto em bom "portunhol", eu diria que "HAY QUE LUTAR".....

2) Diga-me como você começou; quando você descobriu que poderia se lançar na arte plástica?

 Parece desde a idade de 4 anos, quando, após visitar com my família, a praia dos Ingleses, ao chegar em casa, fiz um desenho representando uma peixe da tainha, que havia presenciado. Quando do por my mal, a escritora postuma Rachel Liberto Meyer, autora de "Uma memória de Itajaí" tenho vários desenhos feitos em um caderno de desenho, onde havia "Galo", galos, pintos, galinhas, ardezes, antemoris, burro, etc. Tinha 8 anos.

Mãe foi em um longínquo dia do ano da guerra de 1946, quando bancário em Curitiba, entretanto uma cidade muito atrasada, apesar de já ter ^{minimamente} exposições de artistas que vi, pela vez primeira, uma exposição de artistas franceses que me impressionou tremendamente.

PICASSO esta vez falou que se todos as pessoas do mundo descobrissem suas verdadeiras inclinações (ou vocações) todas as pessoas seriam gênios.....

Meyer Filho — Continua —

Apesar do vivível exagero desta afirmação, a verdade é que, se isto acontecesse, mas haveria tanta inveja, tanta bruxice e tanta falta de permissibilidade nesta humanidade decadente (segundo a Bíblia, que mas é, livro científico) de Adão, Eva, Caim e Abel.....

E foi isto justamente o que eu fiz. A partir do momento em que vi a cidade exposições, jurei para mim mesmo que lutaria até o fim da minha vida, para ser um ARTISTA digno deste nome.

3) Dizem que você, quando funcionário da divisa do "maior Banco da América Latina" (Segundo o Regulamento do cit-do Banco, é expressamente proibido ao seu funcionário, ligar seus nomes ao Banco....) contare desesperadamente o dia, as horas, minutos e segundos para sua aposentadoria; isto é verdade? Fale alguma coisa de sua experiência de artista bancário.

Antes de mim, dois funcionários, colegas meus, riscaram, na folhinha, cada dia "a mim". Um ano antes de suas aposentadorias

E eu? Faltando 1 ano e quatro meses para o dia do meu "Renascimento", logo após arquivar a folha do ponto, eu dizia, religiosamente, a seguinte frase: Faltam apenas poucas horas para o pintor Meyer Filho se aposentar.....

Foi a única coisa de que me arrependo de ter feito no 30 ano e 61 dias que fui, pelas circunstâncias da vida, "na mãe", um bom (embora não muito brilhante) bancário. Afinal, o grande ^{meu} amigo brasileiro MACHADO DE ASSIS, foi, durante ^{parte de} sua vida, ~~um~~ funcionário público, ganhando, tanto a carteira, ^{muito} como o banco (na mãe) ~~meu~~ filho.....

Meyer Filho — Folha dois —

Para ^{dizer} a verdade, o Banco citado passou a ser uma carga redobrada (e como!!!!) a partir do ano de 1960, quando, pela primeira vez, um "certo" artista catariense (moderno, expo individualmente, em galeria profissional do Rio de Janeiro, por sua própria conta e risco, sem reconhecimento de abandonar sua terra Florianópolis. Aliás, a mesma "doce" eu repeti em 1961 (Belo Horizonte - Museu da Fampulha), São Paulo (1963 - Casa do Artista plástico) e muitos anos mais tarde, (1976 - Argentina, em Mar Del Plata e Buenos Aires) fui "pioneiro" nestas exposições.....

Mas, quando comecei minha contagem "regressiva", cada minuto me parecia um dia; um dia uma semana, uma semana um mês. E um mês? Um ano inteiro..... (Mais uma vez a famosa LEI DA RELATIVIDADE funcionou, como funciona, em quase tudo..... Estarei anexo de ter sido bancário tanto tempo? Nunca!!!! Hoje, graças a Deus, ao anjo e ao bom espírito de ALEM, que me ajudaram, e graças, TAMBÉM, aos meus esforços, eu um artista plástico (altamente) patrocinado pelo INPS e pela CAIXA DE PREVIDÊNCIA dos ~~meus~~ funcionários do maior Banco da América Latina. Amém!!!!!!

4) Outra fofoca que corre por aí é que você tem uma grande magia? do pessoal da fábula. "Revista Sul".
Sena, pua fofoca.
Sim, e a mais pura fofoca florianopolitana, mais certamente no meu querido "Ponto chique", que frequento quase todos os meses.....
Por que haveria eu de ter sido um dos participantes de um movimento importantíssimo de cultura? É, demais a mais, me colocou muito acima de todos

5) Como você vê o seu trabalho no panorama das artes brasileiras?
Eu me tornei artista plástico por minha conta e risco, sacrificando muitíssimo em nome de emergir por mim fazer carreira como bancário oficial, o que seria o normal. Mas, o que é normal? Já fui graças a Deus, elogiado por muitas pessoas e crítico (inteligente). Não cabe, pois, a mim, fazer pôbre estas coisas.....

6) Uma informação estatística: em nome de suas exposições fora de SC e Brasil. Qual a reação da crítica?
Para responder, anexo alguns catálogos e críticas.....

Miguel Filho — folha n° 3 —

7) MUITA GENTE FALA QUE O SEU TRABALHO, PRINCIPALMENTE A SÉRIE DE GALOS, TEM FORTE LIGACÃO COM A OBRA DE ALDEMIN MARTINS. QUE É QUE VOCÊ DIZ?

Meu caro escritor, JOÃO PAULO SILVEIRA DE SOUZA, das 10 (dez) perguntas que me fizeste, por escrito, esta é a mais "venenosa" delas.....
Mas, quem se mete na chuva, ou em banho de mar, ou de chuveiro, não pode ter medo de se molhar.....
Acontece que, junto com o meu genro, o engenheiro eletrônico Antonio Carlos de Macedo Coelho, caseiro de minha filha Helênia, pai do meu neto onde e Afonso, comprei (ou comprometi) um terreno e fiz, uma construído, também por minha conta e risco, a praia gostosa e confortável casa em Canasvieiras, a praia mais "chique" da ilha de Santa Catarina, ululante, mas para o verão. Logo, como é ^(BVI) agosto em 1992.

8) Como você vê o seu trabalho no panorama das artes brasileiras?
Eu me tornei artista plástico por minha conta e risco, sacrificando muitíssimo em nome de emergir por mim fazer carreira como bancário oficial, o que seria o normal. Mas, o que é normal? Já fui graças a Deus, elogiado por muitas pessoas e crítico (inteligente). Não cabe, pois, a mim, fazer pôbre estas coisas.....

9) Como você vê o seu trabalho no panorama das artes brasileiras?
Eu me tornei artista plástico por minha conta e risco, sacrificando muitíssimo em nome de emergir por mim fazer carreira como bancário oficial, o que seria o normal. Mas, o que é normal? Já fui graças a Deus, elogiado por muitas pessoas e crítico (inteligente). Não cabe, pois, a mim, fazer pôbre estas coisas.....

10) Uma informação estatística: em nome de suas exposições fora de SC e Brasil. Qual a reação da crítica?
Para responder, anexo alguns catálogos e críticas.....

Miguel Filho — folha 4 —

Lauro Junkes

Já há muitos anos atrás, Silveira de Souza escrevia na Revista "Sul" (No. 16, 1952) um comentário sobre a "Inflação do Conto". Daquela época para cá a explosão contística foi avassaladora. Hoje há mais gente pretendendo escrever do que gente para ler contos. Basta constatar, por exemplo, que a revista "Ficção" revelou, em cerca de três anos, mais de trezentos contistas no Brasil. O conto, pela sua brevidade e concisão, pelo seu caráter mais direto, pelo seu maior envolvimento na realidade, constitui ainda uma das poucas formas literárias capazes de serem consumidas e de sensibilizarem o homem da era áudio-visual, extremamente carente de tempo e incessantemente solicitado por inúmeras formas mais cômodas de lazer.

Santa Catarina não foge à tendência geral e registra um crescente número de escritores de contos. Evidentemente, não nos é possível nestas contidas linhas proceder a um levantamento e análise geral de todos os contistas nossos. Praticamente desde o início de nossa Literatura o conto está presente. Bastaria citar um nome que se impõe, o do nosso grande marinhista, Virgílio Várzea. Muitos outros bons contistas já faleceram: Tito Carvalho (o regionalista), José Boiteux (do conto histórico), Othon D'Eça (retratista do pescador e do mar), Santos Lostada, Oscar Rosas, Arnaldo Brandão, Aníbal Nunes Pires e outros.

Quanto aos contistas da nossa geração, muitos o são ao modo bissexto, por uma certa época, ou ainda em início de carreira, sem livro (de contos) publicado, podendo-se destacar dentro dessas categorias: Almiro Caldeira de Andrada, Lindolf Bell, Rodrigo de Haro, Herculano Farias Jr., Ricardo Hoffmann, João Nicolau Carvalho, Roberto Costa, Wilson Vidal Antunes Jr., José Roberto Rodrigues, Bento Silvério, Ives Paz e outros.

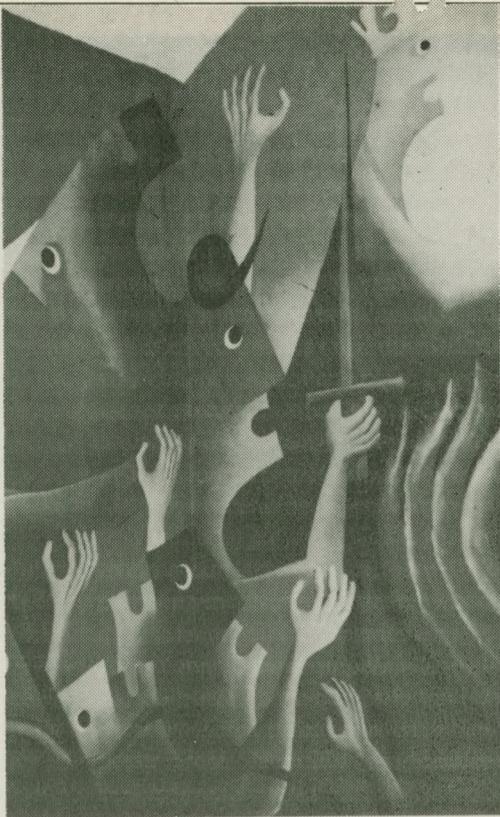
Dentre os autores de volumes de contos publicados, teríamos a destacar um bom número. Vindos da geração do Grupo Sul há alguns nomes de respeito — seis aqui arrolamos:

SALIM MIGUEL (VELHICE E OUTROS CONTOS, 1951; ALGUMA GENTE, 1953; O PRIMEIRO GOSTO, 1973 e A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES, 1979) — é um contista de nível nacional, cuja produção é lenta mas permanente e seguramente trabalhada. Líder do Grupo Sul, embora permanecesse posteriormente por vários anos ausente de Santa Catarina, sua produção literária enraíza-se firmemente em nossa realidade, sobretudo na real e mítica região de Biguaçu. Escritor consciente do ofício, elabora com madureza seu conto, que apresenta densa e vibrante inserção na realidade atual.

GUIDO WILMAR SASSI — foi uma das maiores projeções do Grupo Sul, quando publicou *PIÁ* (1953), conjunto de 16 contos de denúncia sensível à criança abandonada e *AMIGO VELHO* (1957), 7 contos também muito humanos em torno da exploração do pinheiro. Os contos desses dois volumes revelam grande sentimento humanista e situam-se na região serrana. Publicou ainda, em parceria com três outros autores: *VINTE HISTÓRIAS CURTAS* (1960) e seu último volume de contos é *TESTEMUNHA DO TEMPO* (1963), uma incursão pela ficção científica. Tanto pelos contos, como por dois romances, Sassi é uma das maiores expressões da nossa Literatura.

SILVEIRA DE SOUZA (O VIGIA E A CIDADE, 1960; UMA VOZ NA PRAÇA, 1962; QUATRO ALAMEDAS, 1976 e PEQUENOS DESENCONTROS, 1978). Seu conto é vivo e atraente, embora normalmente seja de ritmo lento, pois importa-lhe menos a ação do que a transparência da situação através da ação. Extremamente depurado de qualquer aderência supérflua, condensado e estilisticamente elaborado, seu conto aproxima-se da categoria filosófica, ao focalizar a preocupação com a existência e a reflexão em torno da mesma, ao modo dos grandes existencialistas: Sartre, Camus e outros.

ADOLFO BOOS JR. (TEODORA & CIA, 1956) — Seus contos exploram o fantástico, o irônico e o trágico. É sobretudo um ótimo criador de contos de personagens, retratando perfis humanos vividos, marcados pela sua impressionante vida doída, massacrada, frustrada, imprimindo-lhes aquela mesma angústia trágica de Graciliano Ramos.



Hassis

LAUSIMAR LAUS (FEL DA TERRA, 1958) — publicou esse volume de contos e depois dedicou-se só ao romance. Em todos os contos do volume, a partir da sugestão do título, o elemento deflagrador do conflito é sempre uma situação de desequilíbrio, o que confere unidade ao conjunto. Nos romances seu estilo amadureceu muito mais.

GLAUCO RODRIGUES CORRÊA (O CASO DA PASTA PRETA E OUTROS CASOS, 1978). Participou também do Movimento Sul, mas só recentemente se revelou contista e já com estilo maduro. Sua temática varia desde a linha policial à erótica, passando pelos casos cotidianos do povo sem saber nem recursos. O permanente cuidado na estruturação variada de seus contos, a habilidade em delinear com poucos traços uma personagem e a fluência e leveza de sua linguagem marcam positivamente seu conto.

Além de alguns dos contistas acima, vários outros já se projetaram seguramente a nível nacional. Incluímos mais 6 autores:

HARRY LAUS (OS INCOERENTES, 1958 e AO JUIZ DOS AUSENTES, 1961) — revela em seus contos tendência constante à introspecção, ao estudo das reações humanas, da sensibilidade das personagens, do interrelacionamento dos indivíduos, através dos pequenos gestos que revelam o verdadeiro ser. "As Horas de Zenão das Chagas", uma verdadeira obra-prima, no seu tom lancinante e na sua desesperada ânsia de encontrar a revelação do enigma da vida, por si só bastaria para assegurar-lhe os méritos de um grande criador.

FLÁVIO JOSÉ CARDOZO (SINGRADURA, 1970 e ZÉLICA E OUTROS, 1978). Seu conto caracteriza-se por crescente fluência e permanente enfoque dos habitantes e tradições do interior da Ilha de Santa Catarina: o cenário-ambiente primitivo e inculco, as personagens presas a seus ambientes sem artifícios, a linguagem colorida, perpassada de humor e ironia, aproveitando elementos da oralidade, são aspectos marcantes de sua obra.

HOLDEMAR MENEZES (A COLEIRA DE PEGGY, 1972 e A Sonda URETRAL, 1978) — é um autor que trata de forma realista e máscula a temática erótica, o comportamento sexual instintivo, apresentado sem concessões nem complacências, num tom quase constante de ironia e mesmo de cinismo. Estruturando seus contos sempre na técnica de primeira pessoa e fazendo atuar personagens anti-heróicas, excêntricas e mesmo marginais, seu conto desmistifica a realidade, revelando um universo cru e instintivo.

DEONIÑO DA SILVA (EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS, 1976; CENAS INDECOROSAS, 1976 e A MESA DOS INOCENTES, 1978) comprova um grande domínio técnico e explora uma temática voltada constantemente ao devassamento do existencial, à desmistificação do cotidiano. O humor, a irreverência, a ironia e mesmo o cinismo que envolvem a sua linguagem não poupam ninguém. Não há caracteres nobres ou personalidades intocáveis em sua ficção. Sua fina análise e aguda perspectiva vão levantando o véu mistificador e reduzindo tudo e todos à nua e cruel realidade existencial.

EDLA VAN STEEN (CIO, 1965 e ANTES DO AMANHECER, 1977) revela-se uma escritora conscientemente preocupada com a forma e estruturação de seus contos, tanto assim que está insatisfeita com seu primeiro livro, cujos contos está reescrevendo. A temática de seus contos revela constante tendência a transcender o existencial em busca de algo mais satisfatório e estável; mas como esse algo não é encontrado, paira sobre eles uma atmosfera de ausência, solidão e frustração.

EMANUEL MEDEIROS VIEIRA (A EXPIAÇÃO DE JERUZA, 1972; SEXO, TRISTEZA E FLORES, 1976; TEU CORAÇÃO DESPEDAÇADO EM FOLHETINS, 1978 e NUM CINEMA DE SUBÚRBIO, NUM DOMINGO À NOITE, 1978) — cria um conto vigoroso e viril, de todo anti-romântico. Em tom realista e cético, revela uma visão amarga da frustrada e decadente civilização de consumo, denunciando agressivamente a problemática do "mundo cão", cada vez mais desumano. Há constante empenho na estruturação estética de seus contos.

A linha do conto regionalista, já cultivada por Tito Carvalho, registra mais dois cultores entre nossos contistas atuantes:

ENÉAS ATHANÁZIO (O PEÃO NEGRO, 1974 e O AZUL DA MONTANHA, 1976) retrata em seus contos tipos e costumes da região serrana de Santa Catarina, um autêntico retrato regionalista dos nossos "gerais", embora sua linguagem mantenha uma expressão bastante culta.

EDSON UBALDO (BANDEIRA DO DIVINO, 1977) também se define claramente pelo regionalismo. Seus contos, densos, dramáticos e irônicos, atendo-se estritamente à narração de fatos através de linguagem natural e espontânea, reproduzem com desconcertante naturalidade a vivência típica da região dos Campos de Lages, especificamente de Cerro Negro.

Dois autores nossos destacam-se pela criação de estórias curtas, leves e fluentes, abordando o cotidiano:

JAIR FRANCISCO HAMMS (ESTÓRIAS DE GENTES E OUTRAS ESTÓRIAS, 1971 e O VENDEDOR DE MARAVILHAS, 1973) tem o mérito de ser um hábil criador de diálogos vivos e leves, aproveitando o linguajar ilhéu.

CARLOS ADAUTO VIEIRA (o Charles D'Olênger de AOS DOMINGOS) cultiva a estória curta e humorosa, das quais tem muitas dezenas dispersas em jornais e revistas.

E continua ainda uma grande série de autores em franca produtividade, cuja relação não vamos esgotar neste limitado panorama:

JOÃO ALFREDO MEDEIROS VIEIRA (OS VIVOS E OS MORTOS, 1978) busca a temática para seus contos em casos e situações populares, o que talvez justifique a presença de maior dose de sentimentalidade a envolvê-los, à maneira romântica, enfoque exatamente correspondente ao gosto popular;

PÉRICLES PRADE (OS MILAGRES DO CÃO JERÔNIMO, 1970) enveredou pelo território do fantástico e do surrealismo;

IAPONAM SOARES (TRÊS NARRATIVAS DA INSÔNIA) elabora um conto bastante hermético, devido à captação do surreal;

EDY L. TREMEL (A HOSPEDARIA, 1976) apresenta sobretudo contos de idéias, muito alegóricos, em que questiona a precariedade e contingência do ser no mundo, aspirando ao transcendente;

AMALINE ISSA (ANOTAÇÕES SOBRE UM TESTAMENTO, 1972) cria um conto curto, denso e profundamente experimentalista;

DAVID GONÇALVES (VARANDÃO DE LUAR; CORAÇÃO DO TODO e LIÇÃO DE AMOR, mimeografados) reelabora o conto regionalista, focalizando sobretudo a exploração dos bóias-frias e os "causos" de amor colhidos ao contato direto com a realidade rude, simples e fantástica de pequena localidade do interior paranaense.

AMILCAR NEVES está estreando com O INSIDIOSO FATO — ALGUMAS HISTÓRIAS CIÑICAS E MORALISTAS, narrando casos geralmente extraídos ou imaginados a partir do real cotidiano.

Pela extensa relação já podemos deduzir a vitalidade do conto em Santa Catarina. Não pretendemos ter esgotado o assunto nem, muito menos, ter caracterizado devidamente os vários autores. Mas esperamos ter despertado para o assunto e mostrado, ao contrário do que muitos em ignorância de causa afirmam, que em Santa Catarina se pratica a Literatura.

Martinho de Haro



foto Luiz P. Peixoto

Desenho a Carvão, 1978.

Amilcar Neves

No dia 11 de julho último, Amilcar Neves estreou em livro, com o lançamento de "O INSIDIOSO FATO – Algumas Historinhas Cínicas e Moralistas", realizado na Fundação Catarinense de Cultura. O volume – edição da UDESC/Editora – reúne 15 histórias curtas, com ilustrações de Átila Ramos, e vem revelar um significativo valor da nova geração de contistas catarinenses.

Amilcar é natural de Tubarão (SC), nascido a 24 de abril de 1947. Mantém uma coluna semanal de crônica no jornal "O Estado", de Florianópolis, e já publicou contos em inúmeros suplementos e revistas brasileiros, entre eles, o Caderno de Sábado do "Correio do Povo"; o Suplemento Literário de Minas Gerais; as revistas "Ficção" e "Contos & Novelas". Em 1978, foi menção honrosa no concurso estadual de contos "Virgílio Várzea", promovido pela Secretaria de Educação e Cultura de Santa Catarina.

"O INSIDIOSO FATO" pode ser adquirido nas livrarias e bancas de revistas de Florianópolis, por Cr\$ 80,00.



CENTROAVANTE DO VASCO

Silvino barba rala no meio da cara safada, andar balançando de malandro de morro, de jogador de pelada. Meio de tarde de sábado, gingando pela Serrinha, ali na Trindade, em cima da Cidade Universitária. Camisa nova de cores ainda vivas, chinelos sujos de cal recente. Silvino dos Anjos, pedreiro por profissão e por necessidade, centroavante e artilheiro por vocação.

– Uma pinga aí, seu Hermógenes.

Seu Hermógenes serve a dose branca, cachaça va-gabunda. A única que tem, mais cara ninguém compra. Silvino fornece a parte do santo, emborca garganta abaixo o copo todo, cusparada grossa pro lado, porta afora. Puxa o continental, acende o último cigarro.

– Vais jogar amanhã, Silvino?

Luz nos olhos, assunto preferido (único?), aperta a vista, sorriso livre no rosto defumado.

– Dá outra aí.

– Quanto é a cebola?

– Tu vais é jogar de gandula. Tens dinheiro pra pagar outra? É dois a cabeça, dona Vilma.

– Olha ó! Vou marcar trei gol, trei golaço – bola parada no chão, balança o corpo todo apoiado no pé esquerdo, a direita armada, procurando adivinhar o contrapé do goleiro para fuzilar no lado contrário, chuta com violência, de efeito, marcando o lance ao bater com a sola do chinelo na madeira, levantando pó do chão do armazém do Hermógenes. Hermógenes aprecia satisfeito, cara matreira, é o Silvino de sempre.

– Quero saber o preço da grama.

Silvino estica o braço castigado, abre a mão grossa e apanha o copo, sem se dar conta que seu cotovelo passa a meio palmo do nariz de dona Vilma, mulherzinha pequena e de respeito, que continua aguardando sua negociação, impávida e conformada.

– Vais nada. Nem bêbado tu jogas alguma coisa. Ei, Maria, quanto é o quilo da cebola? – Hermógenes atira momentaneamente a conversa pros fundos, onde fica sua casa, pegada na venda, e prossegue, provocativo: Vais querer dizer que esta camisa é do Vasco mesmo, que eles mandaram para ti?

Silvino, riso solto mostrando os dentes pequenos e amarelecidos, bica a pinga, puxa um trago mais do cigarro, olha sorrindo pro chão vendo a cinza cair molemente, sem vontade.

– É, a pinga... Mas em dia de jogo eu não bebo. Quer dizer, antes do jogo, dispois é aquela cachaçada, aquela cervejada, até o raiar do dia. Lembra daquela vez lá no Pantanal, seu João. O Neco, seu genro, tava lá também. Bebemo até nascer o sol.

– É cinco cruzeiros a 100 gramas. Olha, seu João, vou passar um telex pros homens de São Januário avisando que eles perderam um jogador aqui em Florianópolis, que o centroavante deles está aqui na Serrinha.

– Vocês pensam que eu não jogo nada, é? Silvino levanta o rosto, olhar meio de viés, sonhando, fitando o passado que ele imagina ter vivido: pois é, em 61 eu tava no juvenil do Postal – naquele tempo tinha o Postal, o Atlético, o Paula Ramos, estes time todo; comecei com o Hélio Pires. É, com o Hélio Pires, sim, ele é muito amigo meu, pode perguntar pra quem quiser. Com o Hélio e com o Élcio, irmão dele. Eu jogava um bolão naquele tempo. Mas podes crer; amanhã vou marcar trei golaço. Vamo ganhar de oito.

– Dois cruzeiros de grampo, seu Hermógenes. E um de bala de caramelo.

– Com o Hélio Pires, é? E ele é teu amigo, né?

Silvino saboreia a cachaça, amanhã vai marcar três gols, chupa o cigarro com gosto, o primeiro dos quatro que ele acabou de comprar, avulsos. Seu João lembrou do netinho ali ao lado, agora todo lambuzado, com bala e papel de bala escorrendo na carinha suja de terra do morro. Hermógenes atende a garotinha, separando um a um da caixa de grampo para cabelo:

– Cem, duzentos, trezentos, quatrocentos... .

– Ei, Nego, vem cá!

– ... mil e novecentos, dois mil.

Nego entra, atendendo o chamado de Silvino:

– Um cruzeiro de branquinha, rápido, seu Hermógenes. Depressa que tenho um compromisso urgente – e espia pela porta para ver se o compromisso vem descendo o morro.

– Diz aqui, Nego, tu sabe: não é verdade que em 61 joguei no Postal?

Nego olha Silvino de alto a baixo, sorriso zombeteiro:

– Pô, em 61 eu nem era nascido ainda. Tu é mesmo mentiroso, né.

Despeja na garganta a miséria do um cruzeiro de cachaça e desce o morro com a mulher, que vinha chegando e parou na porta do boteco, esperando.

– Dei dez cruzeiro pressa peste comprar um sabão de três e quinhento e o senhor ainda me fica com o troco?

– Quem sabe em 61 tu jogavas no Vasco? Taqui o troco, dona Marlene. Eu chamei mas a garota não ouviu, saiu correndo.

Dona Marlene sai apressada, xingando alto e puxando pelos cabelos a peste de sua filha, essa avoadada.

– Olha, já comprei duas caixa de foguete. Cada gol que sair vou lá e solto um foguete. Vais ver só. Trei gol. Nós vamo ganhar de oito.

– Tu vais mas é deixar uma garrafa de pinga atrás da trave.

A língua, já de normal meio travada, começa a se enrolar cada vez mais. Silvino feliz, comemorando a vitória de amanhã:

– Nosso time tá meio fraco, mas a gente ganha assim mesmo. Que hora? Nove hora. O jogo começa às nove. Lá embaixo. Essa camisa aqui vai marcar trei gol. Vai sim – e aponta nas costas o nove, vermelho, vivo, lindo, pregado na camisa nova do Vasco; ensaia a marcação de outro gol, ali na venda, mas não chega a finalizar.

Seu João informa que o Marcos não vai jogar, torceu o pé.

– Não vai, é? Era eu e ele pra agüentar o time. Mas não faz mal. A gente vai ganhar assim mesmo.

Nego volta, sozinho, Silvino oferece a pinga: é da gente.

Hermógenes:

– Então tu eras titular do juvenil do Postal? O melhor jogador do time, é?

Silvino aceita, toma o assunto:

– Eu jogava bem. Dispois parei de treinar, arranjei um serviço de pedreiro, tive que me virar. Mas ainda jogo bem. Com cachaça não dá, a gente fica meio mole, cansa logo. Mas em dia de jogo eu não bebo, só dispois. Dispois é cachaçada até – até raiar a noite. Ou cervejada.

– Pra não beber antes do jogo só se o jogo for de madrugada.

– Dispois tem a mulher e os quatro filhinho – tudo direito, certinho, registrado na lei. A gente tem que dar uma assistência em casa. É, casei, tudo direito, não tem pobrema não.

Seu João:

– Pois olha, eu vou ver esse jogo amanhã.

Silvino garante:

– Tem lugar, sim. Pode vir que tem lugar. A que hora o táxi vai tar aqui, Nego? Nove? Às nove aqui, seu João. Pode vir que tem lugar. Amanhã nós vamo ganhar, vou marcar trei gol. Olha pra camisa, olha.

O balanço de jogador de futebol vai subindo o morro, mais balançado, mais cansado, porém ainda equilibrado: equilíbrio é uma questão de sobrevivência para qualquer pedreiro.

Silvino dos Anjos, craque da pelota, artilheiro e centroavante do Vasco nas cachaças do fim de semana, cigarro perdido no canto da boca, atira-se frente à televisão ligada em altos berros e dorme, dorme contente e satisfeito da vida.

Cine-Clube

Fundação implanta clube de cinema

A Fundação Catarinense de Cultura acaba de implantar junto à sua Unidade de Artes, o Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, que promoverá a divulgação dos filmes de arte didáticos e culturais existentes nas diversas distribuidoras comerciais, serviço cultural de consulados e institutos. Inicialmente as atividades terão caráter de divulgação e, numa segunda etapa, se estenderão à realização de curta-metragens culturais.

O Clube de Cinema, devidamente legalizado junto à Embrafilme e demais órgãos oficiais, manterá relações culturais de intercâmbio junto ao Instituto Cultural Brasil — Alemanha (Goethe Institut), Consulado de Portugal, Iugoslávia, Canadá, Bélgica, França, dos Países Baixos, Consulado Britânico, Japão, Instituto Italiano de Cultura; diversas distribuidoras comerciais de filmes de arte, Fundação Cultural do Paraná, etc, além da Empresa Brasileira de Filmes — EMBRAFILME —, procurando divulgar o nosso cinema didático e cultural (Departamento de Filme Cultural) de curta-metragens e também o cinema nacional de longa-metragem.

PROPOSTA PARA SÓCIO

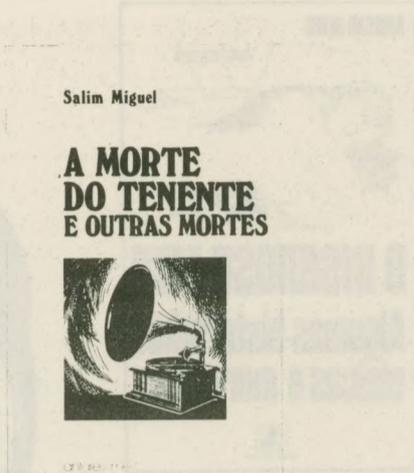
Qualquer pessoa interessada em cinema e que queira fazer parte do Clube poderá procurar maiores informações junto ao Departamento de Arte da Fundação Catarinense de Cultura, rua Victor Konder, 71, Florianópolis.

PROGRAMAÇÃO

O Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro funciona na Casa da Cultura, à Rua Tenente Silveira, esquina com Álvaro de Carvalho, nesta Capital.

Na semana passada foram exibidos dois filmes — "A Via Láctea", de Luiz Buñuel, e "A Infância de Ivan", de Andrei Tarkovsky. Programações desse tipo passarão a ser freqüentes no Clube de Cinema, que pretende intensificar a exibição de filmes culturais e didáticos em Florianópolis.

Ubiratan Machado



Há seis anos sem publicar livro, Salim Miguel retorna às livrarias com *A morte do Tenente e Outras Mortes*. São onze contos, narrados no estilo muito pessoal do escritor catarinense, que abrangem do insólito ao cotidiano da vida de uma pequena cidade: Biguaçu. Ao contrário do usual, o título do livro não reproduz o de nenhum conto, mas revela uma singular fixação com a morte. A morte, a implacável criadora de ausências, é a presença mais densa da obra. Não deixa de ser significativo que, apenas no título, ela seja nomeada duas vezes em quatro palavras. E talvez não seja por simples coincidência que nos dois melhores trabalhos do volume, *O Gramofone* e *Outubro, 1930*, "a indesejada das gentes", como a chamou Manuel Bandeira, compareça, deixando perplexos os que ficam desse lado do mistério. Ela reaparece, ainda, em *O Silêncio Escuro*, *As Queridas Velhinhas* e *Galo, Gato, atog*.

Desse quinteto da morte, ressalta *O Gramofone*. Tecnicamente irrepreensível, é o mais forte e bem realizado conto do livro. É a narrativa do encontro de um jovem, numa aldeia libanesa, com o patético da morte. Mas, diante do procedimento do médico, pode ser considerado uma lição de vida e um aprendizado dos homens. Toda a seqüência do episódio, fica entrelaçada, na mente do personagem, à música que ele ouviu de um gramofone. O impacto é de tal violência que, muitos anos depois, já em outro extremo da Terra, o então velho ouve a música e logo a história, com todas as suas minúcias e sensações, lhe ocorre à mente.

As Queridas Velhinhas se aproxima muito do universo de Faulkner. O ambiente abafado de uma decrépita casa provinciana, onde duas velhas se encerram até à morte, sem permitir a ninguém devassar-lhes a intimidade, lembra muito *Uma Rosa Para Emily*. A semelhança se limita, porém, à atmosfera espiritual e ao bafio que parece se desprender daquelas vidas. Em seu desenrolar e em sua técnica, porém, o conto de Salim Miguel se afasta bastante da obra-prima do escritor norte-americano.

A coincidência é sintomática. Biguaçu, como observou o prefaciador, Fausto Cunha, "é o condado faulkneriano de Salim Miguel." Mas, ao contrário da Yoknapatawpha de Faulkner, Biguaçu é uma realidade geográfica, à disposição dos curiosos, com seu mictório público, seus bancos de marmorite da pracinha, seu riacho e sua monotonia, que se torna tão angustiante em *Amanhã*.

A Biguaçu que interessa ao leitor, porém, é aquela em que, como em toda cidadezinha que se preza, há uma sociedade literária, em cuja *Reunião* os sócios se tratam por "beletrista" e lêem trabalhos de laudas à guisa de aperitivo para outro discurso. Onde, alheio a tudo isso, o menino de *A Aranha* vai sendo, pela prima da mãe, iniciado nos doces mistérios do sexo. Nela, acontecem casos meio insólitos, meio grotescos, como o daquele maníaco solitário de *O Silêncio Escuro*, que reaparece, furtivamente, nas lembranças biguaçuenses da *Gina-boa*. Ele não é o único a transitar de uma história para a outra. Pois nessa pequena comédia humana catarinense, os personagens ressurgem em outros contos, vivendo novas situações ou evocados pelos demais.

Se alguns são fruto da imaginação do escritor, outros são personagens de carne e osso, transfigurados para o universo mágico da ficção. A identificação de uns e outros é secundária. O que importa é o fluxo de suas vidas como personagens de ficção. Mas o processo se revela, nitidamente, se conciliarmos a dedicatória da *O Gramofone* com o nome do personagem, aquele Yussef—José, pai do autor, personagem central deste conto e de *Um Bom Negócio*. Este, abordando um tema bem raro em nossa prosa de ficção: as dificuldades econômicas de um imigrante árabe.

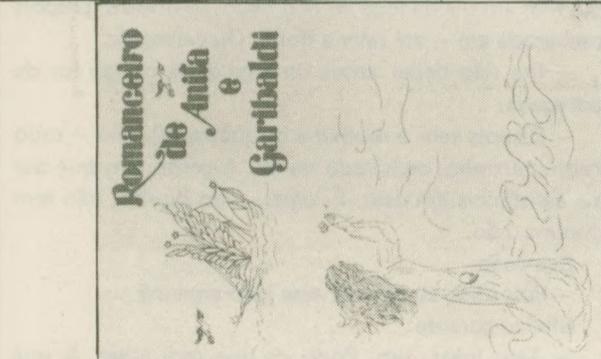
Uma referência especial deve ser feita a *Outubro, 1930*, reflexo fragmentário do movimento que conduziu Getúlio Vargas ao poder na sensibilidade de um garoto. Anos mais tarde, ele une as várias partes deste *puzzle* íntimo, tentando reconstituir a sua vivência da época. Como alguns outros contos, este parece uma nítida reconstituição autobiográfica. E não deixa de ser significativo, mais uma vez, que o lance mais forte da narrativa seja o de uma morte.

Aliás, uma das epígrafes do livro, de Carlos Drummond de Andrade — "Do lado esquerdo carrego os meus mortos./ Por isso caminho um pouco de banda" — pode ser tomada como uma declaração em abono do caráter de reminiscência, algumas vezes em tom quase confessional, de alguns desses contos.

Uma outra epígrafe do livro, a do poeta árabe Fauzi Malluf — "Somos escravos da vida e da morte" — nos dá a chave para entendermos o fatalismo do autor. A força do destino, a lei do *maktub* está presente em boa parte do livro. Nesse sentido, *Galo, Gato, atog*, o monólogo em tom de decomposição mental de um pintor, é paradigmático. Mas há exceções. Uma delas é *O Presente do Diabo*, com que Salim Miguel, apaixonado pela moderna literatura Hispano-americana, pagou o seu tributo ao realismo mágico.

A Morte do Tenente e Outras Mortes é desses livros que se lê com um interesse nunca diminuído. Através de sua linguagem elaborada, em ritmo lento, Salim Miguel nos envolve, implacavelmente, no mundo de Biguaçu e daquela região catarinense. E sem recorrer a folclorismos de forma ou de fundo. O que lhe dá o privilégio de escrever contos regionais sem ser um regionalista.

Ubiratan Machado — jornalista.
Crítico literário do Suplemento
"O Livro" do Jornal do Brasil.



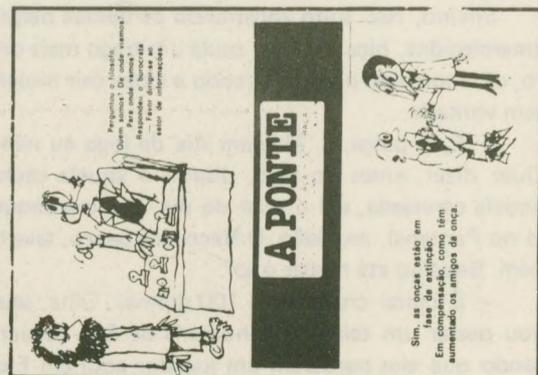
Leia
ROMANCEIRO DE ANITA E GARIBALDI — Stella Leonardos. capa de Kleber Rigueiras. 208 pp. Cr.\$ 100,00. Coleção Cultura Catarinense/SEC.

Diz Marcos Konder Reis na apresentação do livro: "Depois de tantos livros e tantos prêmios que a consagraram como um dos poetas importantes do Brasil de nossos dias, Stella Leonardos nos oferece agora, com seu "Romanceiro de Anita e Garibaldi", não apenas mais um trabalho capaz de engrandecê-la e confirmá-la como credora das palmas de nosso aplauso, mas, como nos diz, na página de abertura, um poema que faltava no Brasil".

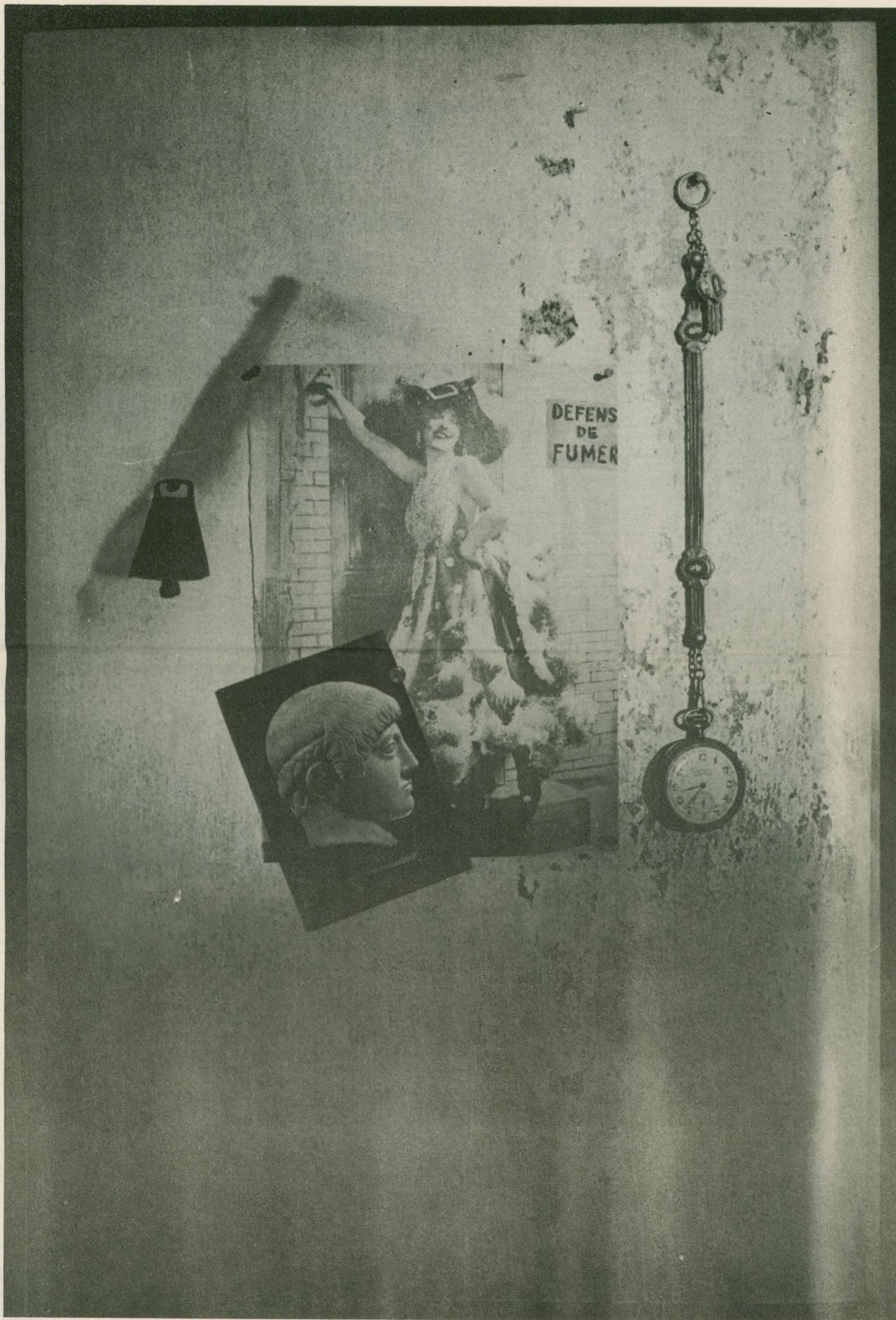


O Sthêu
Nesta edição
as fotos de O Ilheu
Disco Night

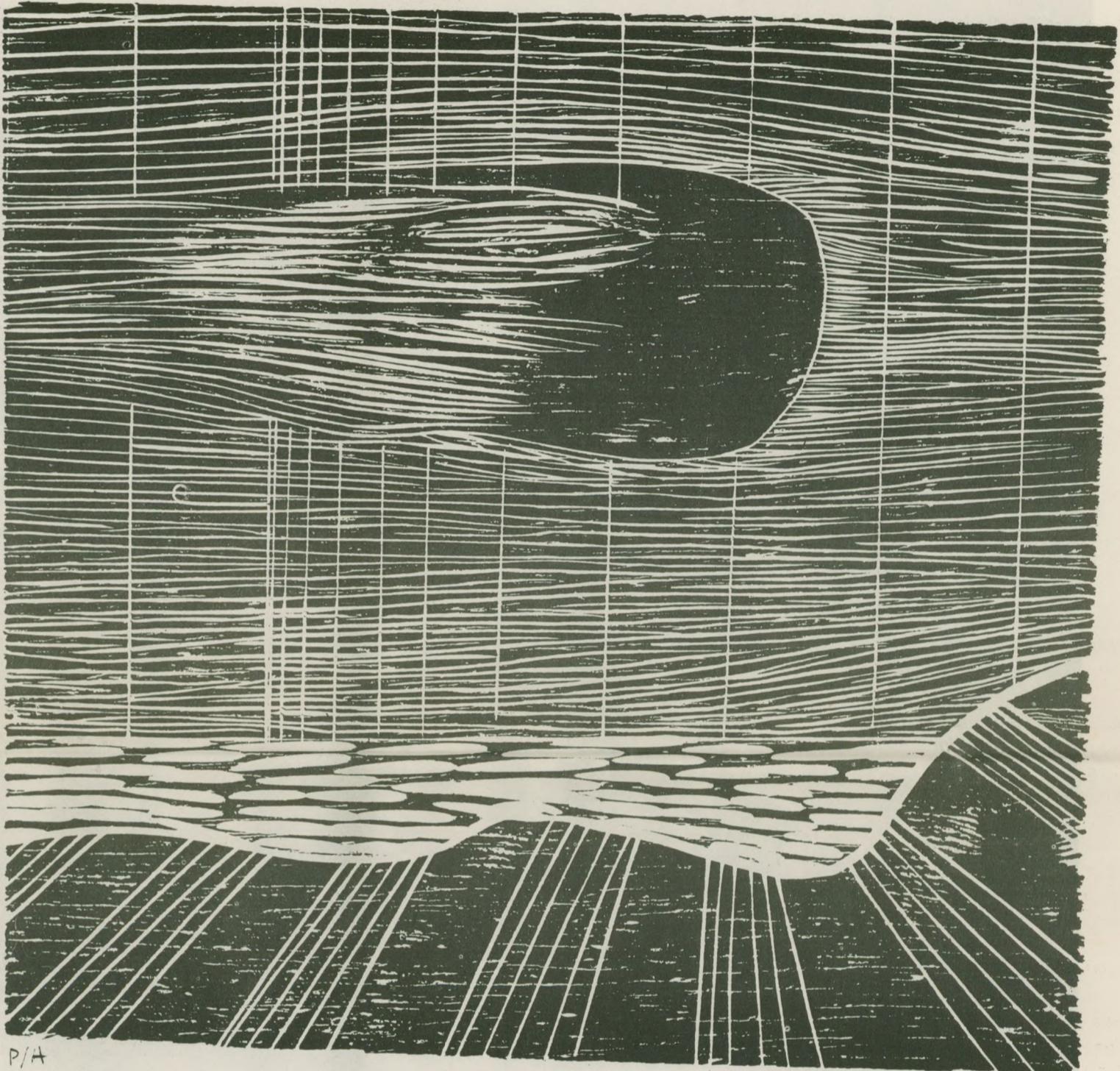
Leia



Sim, as onças estão em fase de extinção. Em compensação, como têm aumentado os amigos da onça.



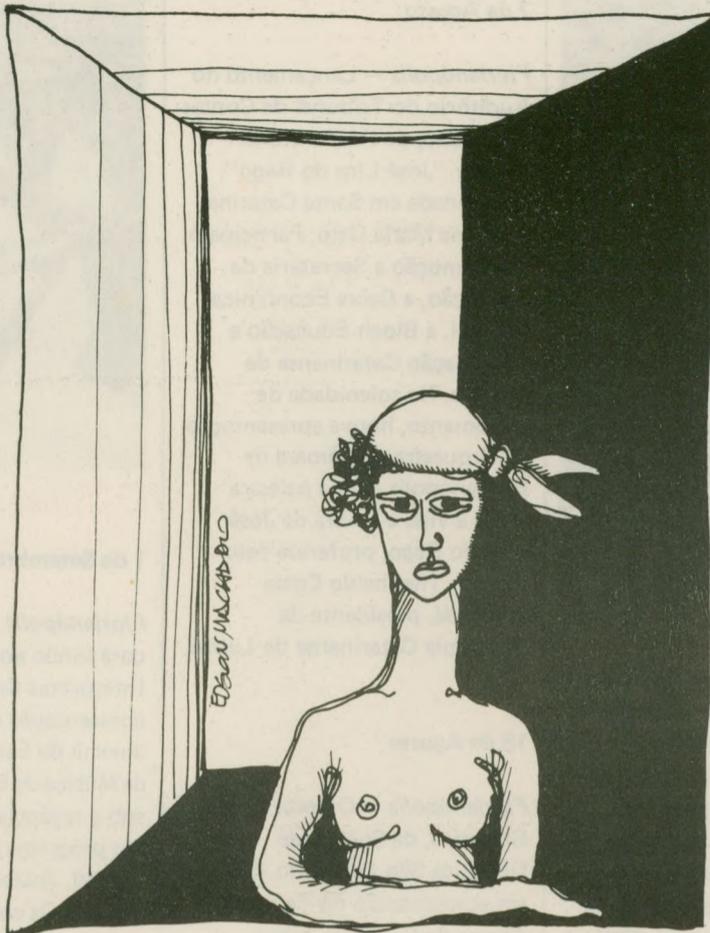
"DEFENS DE FUMER"
(Proibido Fumar)
Máquina 35 mm
Miranda
Filme: Pens x 125 A
Expositice: 125 x 11



P/A

Jayro 77

S/TÍTULO/1977
Xilogravura
Tamanho Natural
Impressão: 1 cor.



Empregadas

I

*Ó coraçõezinhos de palha,
nesse quarto de fundo vos resumis,
enxergando-vos com a mesma luz
que vos cega e queima!*

*Ai! essas paredes sobre vossos ombros e olhos
caem, de tão juntas vão
vos sufocar.*

*Nas noites, quando é brando o luar,
ouço vosso gemido, vossa dor
quebrando o ar
como um cão faminto.
Ouço vosso grito, vosso grito
a gritar e doer nos meus ouvidos!*

*Nas noites, me arrebento em sentir
vosso corpo, vosso corpo se contraindo
e caindo no sono, impotente
sob a máscara do nome e da vida.*

*Onde estais, vós todas, mulheres
que um dia brincastes de sonhar
e sonhastes, delirantes?!*

*Ouço-vos agora nessa lama
estreita do quarto, do quarto quase
sem ar; desse quarto quase sem noite
e sem dia,
sem lugar pra chorar.*

*Aniquilado, vos ouço a desgraça
servida à gula dos homens,
bestialmente sorvida em ávidos golpes
de força e poder.*

Aniquilado, ouço-vos, ainda.

II

*Um dia viestes do mato, num vôo
de aves, e na pureza selvagem
abriste-vos todas:
os senhores vos treparam humilhanamente
vos treparam
e vos trepam
até hoje.*

III

*Vossos ventres poluídos
se aguçam no meio
ar da cozinha.*

*A fartura vos cheira,
fartamente vos instiga
a comer, a comer, a comer...*

*Porém, tardio é o grão
que vos cabe, embora do campo
venha, dos vossos campos de outrora
de orvalho e verde
imantados.*

*A fartura vos cheira
em armários repletos,
geladeiras repletas,
louças sujas na pia.*

*A fartura vos cheira!
Mas à mesa do amos
não sentam vossas bundas,
aí, vossas nádegas não sentam!*

IV

*Como extravasar o coração
nesta casa sob algemas?*

Loucas. Tais loucas!

*Se soa à porta a campainha,
oh! correis a atender, solícitas
solícitas, como se algum dia
vos fosse chegar a
Liberdade...*

*Ah! como arde no silêncio
uma esperança!*

*Solícitas-solícitas, mas
por trás dos olhos duros, por trás
da voz severa, os que chegam
são visitas, não pra vós:
pra vossos amos.*

*Nas poltronas que limpastes
se alargam e se afofam
em tramadas conversinhas,
em quanto preparais o reino
dos senhores
para mais
um mesmo dia.*

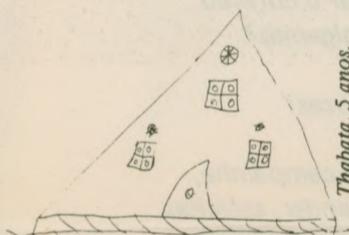


*Professor, ex-diretor da Casa da
Cultura de Joinville (SC) e um dos
mais autênticos e participantes poetas
de Santa Catarina, ALCIDES BUSS
é um dos editores da revista literária
CORDÃO e autor de "Círculo
Quadrado" (poemas, 1970); "O
Bolso ou a Vida?" (poemas, 1971);
"Ashim" (poemas, 1976); e "Cobra
Norato e a Especificidade da
Linguagem Poética" (ensaio, 1978).*

1 de Agosto

Florianópolis — O museu de Arte de Santa Catarina com duas exposições abertas à visitação pública na primeira quinzena de agosto. A primeira, na Sala Victor Meirelles, reuniu obras de trinta artistas nacionais, entre eles, Volpi, Iberê Camargo, Djanira, Glauco Rodrigues e Di Cavalcanti. A segunda, na Sala Eduardo Dias, apresentou trabalhos de artistas catarinenses: Vecchietti, Eli Heil, Rodrigo de Haro e Paulo Chaves. O Museu de Arte funciona das 13 às 18 horas, todos os dias, incluindo sábados e domingos. Ir lá, é uma boa.

Blumenau — A Sociedade Dramática-Musical Carlos Gomes, deu continuidade ao Curso de Balé, dirigido principalmente à formação artística da juventude. O professor é Pedro Rodrigues, ex-aluno de Eugênia Feodova e Irina Thesnakova, ambas da escola de balé de Leningrado.



Thabata, 5 anos.

Florianópolis — A Escolinha de Arte da Fundação Catarinense de Cultura dá continuidade aos cursos iniciados no semestre anterior e, de agosto a outubro, executa o projeto "A criança e o Museu", que objetiva a divulgação e promoção dos museus de Florianópolis aos alunos de 1o. grau, mediante a organização de visitas programadas. Museus a serem visitados: Museu de Arte de SC, Museu Histórico, Museu das Armas, Casa Victor Meirelles, Museu de Arte Marajoara.

Florianópolis — Em circulação o primeiro número de "A PONTE", tablóide informativo semanal da Empresa Editora Lunardelli, Florianópolis, caixa postal 263. É editor o jornalista Aldo Grangeiro. A tiragem do primeiro número foi de 25 mil exemplares. Distribuição gratuita.

3 de Agosto

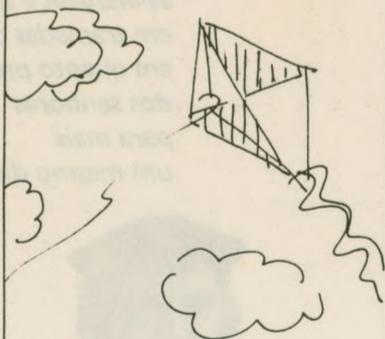
Joaçaba — Estréia da peça "Transe", de Ronaldo Radde, escritor e teatrólogo gaúcho. A direção é de Miguel Cavanus. O grupo Tejo desde 1972 vem desenvolvendo um intenso trabalho com o teatro.



Dagoberto Linhares

Florianópolis — Eliane Sampaio (canto) e Dagoberto Linhares (violão) apresentaram-se no Teatro Álvaro de Carvalho num recital de canto e violão. No programa, canções e solos para violão de Villa-Lobos, Albeniz, Britten, Luciano Gallet, Jayme Ovalle, Joaquim Manoel, Manuel de Falla. Ambos paulistas, Eliane e Dagoberto são nomes conhecidos no cenário musical do País e têm ampla experiência internacional. Promoção da Pró-Música de Florianópolis.

Florianópolis — No Aterro da Baía Sul, o FESTIVAL DA PANDORGA/79, uma promoção da Fundação Catarinense de Cultura, jornal "O Estado", TV Catarinense, Prefeitura Municipal e patrocínio do Besc S/A e Brusa Clube. O Festival da Pandorga apresentou categorias infantil e adulto, com premiação para as modalidades: permanência, corte infantil, corte de pipa, corte de barrete, a mais bela pandorga, a mais original pandorga, a maior e a menor pandorga e a mais bela pandorga bandeira.



6 de Agosto

Florianópolis — No Teatro Álvaro de Carvalho, a apresentação de concerto de violoncelo e piano, com Adriane Savitzki (violoncelo) e Maria Luiz Corker (piano). Promoveram o espetáculo a Fundação Catarinense de Cultura e a FUNARTE — Instituto Nacional de Música.

7 de Agosto

Florianópolis — Lançamento no Auditório do Tribunal de Contas do Estado, da IV Maratona Escolar "José Lins do Rego", coordenada em Santa Catarina por Ione Maria Otto. Participam da promoção a Secretaria da Educação, a Caixa Econômica Federal, a Bloch Educação e a Fundação Catarinense de Cultura. Na solenidade de lançamento, houve apresentação da Orquestra de Câmara de Florianópolis e uma palestra sobre a vida e a obra de José Lins do Rego, proferida pelo escritor Theobaldo Costa Jamundá, presidente da Academia Catarinense de Letras.

18 de Agosto

Florianópolis — O Coral Ginástica, da Sociedade Ginástica São Leopoldo (RS), em apresentação no Teatro Álvaro de Carvalho, numa promoção da Pró-Música de Florianópolis. O Coral Ginástica, fundado em 1973, já mereceu o troféu "Correio do Povo" no V Festival Internacional de Corais realizado em Porto Alegre e foi o único conjunto coral brasileiro convidado a participar do I Festival Internacional de Coros, do Uruguai, em 1978.

24 de Agosto

Blumenau — No Teatro Carlos Gomes, apresentando-se o Grupo Som e Corpo, de Florianópolis, com o musical "Os Saltimbancos". Trata-se de uma fábula inspirada em "Os Músicos de Bremen", dos Irmãos Grimm, com música de Luiz Henrique e texto de Sérgio Bardotti. No Brasil, Chico Buarque de Hollanda realizou a versão. O Grupo Som e Corpo é dirigido pela pianista e professora Marly de Barros Gobbi, que juntamente com Renée Wells, foi também responsável pela coreografia do espetáculo.

25 de Agosto

Orleans — Realiza-se a 5a. Semana Cultural, com estudos, palestras e debates, que terão como principais temas: a criança e a ecologia. A semana vai de 25 de agosto a 1 de setembro.



Orquestra Juvenil da Escola Superior de Música de Blumenau

1 de Setembro

Florianópolis — A Pró-Música dará início ao "Ciclo de Intérpretes Catarinense", com a apresentação da Orquestra Juvenil da Escola Superior de Música de Blumenau, sob a regência da Lola Benda. No programa, peças de Hassler, Purcell, Jolzbauer, Strunk e Tartini. Os componentes da Orquestra são alunos de instrumentos de cordas da Escola. O concerto será no Teatro Álvaro de Carvalho, às 21 horas.

3 de Setembro

Blumenau — O Coral "Camerata Vocale", sob a regência do maestro Telmo Locatelli, fará apresentações em várias cidades do Rio Grande do Sul, durante a Semana da Pátria. O "Camerata" já lançou dois elepês: o primeiro, compõe-se de músicas folclóricas italianas; o segundo, lançado em junho deste ano, reúne canções populares em língua alemã da região do Vale de Itajaí.

6 de Setembro

Blumenau — Estendendo-se até o dia 8, o IV FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO, uma promoção que se prestigia a cada ano e tem movimentado o meio estudantil universitário no Estado.



Orquestra de Concertos de Joaçaba

Orlando Tambosi

Em Defesa Da
Televisão

A televisão, nos últimos tempos, tem recebido generosos espaços na imprensa: suas estrelas são, com frequência, capas de revistas como "Veja" e "Isto é". Matérias pagas? Nem sempre. O fato é que já há uma descontração. Visível tanto à esquerda quanto à direita. Finalmente já se deixou de confundir a televisão enquanto veículo de comunicação de massa (poderosíssimo) com o que ela transmite: o conteúdo, é claro, reflete aquilo que os donos da indústria cultural querem, segundo as suas tábuas da lei. Mas veículo e mensagem não são a mesma coisa: tudo depende de quem transmite.

Se o meio fosse a mensagem, como quer McLuhan, poder-se-ia afirmar simplesmente que a única coisa digna de notar, num aparelho de televisão, é o fato de que ele funciona. Isso é esterilidade: você dispõe dos meios para transmitir alguma coisa, mas já não tem nada para dizer. Há muito tempo, segundo H. Enzensberger, essa pretensão "é compartilhada e expressa simbolicamente por uma vanguarda artística cujo programa, por conseguinte, só admite a alternativa de signos nulos e ruídos amortos. Exemplos: a "literatura do silêncio", hoje já antiquada; os filmes de Warhol, onde simultaneamente tudo é possível ocorrer, ou absolutamente nada; e o "Discurso sobre nada", de John Cage, de 45 minutos de duração".

PRECONCEITO

A televisão, hoje uma realidade enraizada dentro de cada casa, rasgando o país de Norte a Sul, já desenvolve uma linguagem própria, embora funcione, às vezes,

como uma síntese do rádio e do cinema. Num país de maioria analfabeta, é para a televisão — e não para a imprensa — que se devem voltar preponderantemente os setores interessados na evolução da sociedade. Quando se pode utilizar os meios de comunicação eletrônicos — muito mais rápidos, abrangentes e incisivos que qualquer outro —, fazer uso do mímeo, por exemplo, para veicular idéias, é, no mínimo, nostalgia.

Por isso, criticar a participação de intelectuais como Ferreira Gullar, Jorge Andrade e Gianfrancesco Guarnieri na produção de programas para a TV não passa de preconceito. Que, apesar de tudo, ainda contamina alguns círculos de bem-pensantes que insistem em dizer que não vêem televisão mas sabem nos mínimos detalhes as transas de André e Carina e soltam de vez em quando — e depois enrubescem — um q'rias!

Não se pode afirmar apenas que a televisão é um simples veículo do consumo. Ela é isto, mas é também meio de produção, importante detalhe que parece escapar a esses bem-pensantes. É um meio de produção bastante acessível aos intelectuais, que devem lutar para colocá-lo a serviço das massas e para a sua emancipação. E não para a sua docilização, como ocorre atualmente.

Com a televisão a serviço dos interesses da população e não dos interesses econômicos dos proprietários, ela se tornará ainda mais dinâmica, mais dialógica. É preciso que desapareça a diferenciação técnica entre emissor e receptor — reflexo da divisão social do trabalho entre produtores e consumidores. Aí haverá realmente **feedback**: ao contrário de uma atitude passiva por parte dos consumidores, uma interação dos participantes. Cada receptor, assim, será um transmissor em potencial: a comunicação exige diálogo, por que sem ele não há efetivamente comunicação, mas apenas distribuição de mensagens.

Orlando Tambosi é editor assistente do jornal "O Estado".

"A coisa que achei mais importante no PAN'ARTE foi o aspecto didático da promoção, que permitiu dar ao público um melhor conhecimento sobre o que se faz de arte em Santa Catarina. Acho que a forma de distribuição dos painéis, bolada pelo Harry contribuiu muito pra isso e, também, a idéia de agrupar trabalhos de artistas já conhecidos, aos valores novos, pois se conseguiu mostrar que tem muita gente fazendo Boas coisas por aí, e que ainda não conheciam".

A manifestação é da artista blumenauense Elke Hering Bell, uma das premiadas no Panorama Catarinense de Arte, que foi realizado no Citur, Balneário Camboriú, no mês passado, sob a coordenação do crítico de arte Harry Laus.



PAN'ARTE'79

PANORAMA CATARINENSE DE ARTE - BALNEÁRIO CAMBORIÚ - 12 a 22 - JULHO

O PAN'ARTE/79 reuniu 550 trabalhos de 163 artistas plásticos de todo o Estado, que foram expostos segundo critérios de qualidade e contemporaneidade: Artistas Convidados, 34; Valores Novos, 8; Destaques, 12; Sala Geral, que reuniu um grande número de trabalhos das mais variadas tendências e qualidades, denominada por alguns de "inferno".

Premiados

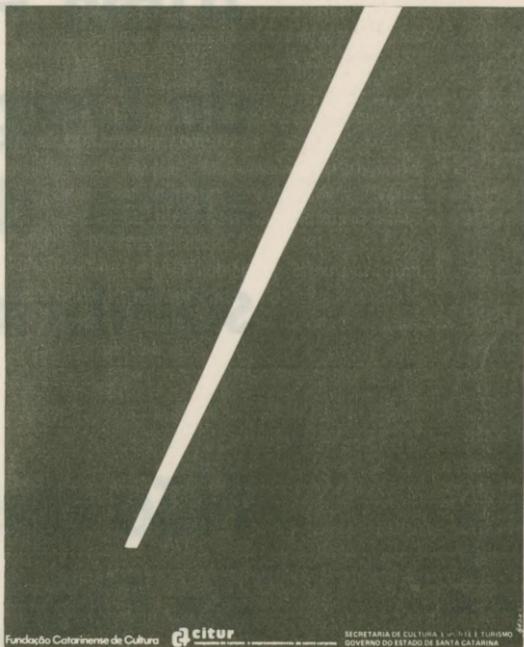
Da Sala Geral foram premiados: Lourival Bento, fotografia; Flávia Fernandes, aquarela; Arno Georg, escultura em granitos; Thaís Oliveira, pintura ingênua.

Valores Novos: Jair Torelli, escultura; Hélio Machado, escultura em cimento; Jeremias Dracinski, desenho a bico-de-pena; Marcos Antônio Rück, desenho em aguada.

Artistas em Destaque: Nini, pintura; João Olíbio, colagem em casca de bananeira; Jandira Lorenz, os três desenhos apresentados; Loly Hosterno, pintura ingênua; Ury Azevedo, pastel; Janga, pintura em acrílico.

Artistas Convidados: Luiz Telles, pintura; Jayro Schmidt, os três conjuntos de xilogravuras; Vera Sabino, desenho; Max Moura, pintura; Alberto Luz, escultura; Edson Machado, desenho; Guido Heuer, os três relevos em metal; Suely Beduschi, escultura em bandagem e bambu; Elke Hering Bell, escultura; Luiz Si, pintura; Amandos Sell, pintura.

A forma de premiação instituída pela coordenação do PAN'ARTE foi também considerada bastante positiva, pelos artistas que expuseram suas obras. O prêmio foi a aquisição do trabalho selecionado pelo júri.



Lay-out: Hassis

Fundação Catarinense de Cultura

citur

SECRETARIA DE CULTURA, LINGUAGEM E TURISMO
GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA



**Alma Ferida pelas negras lanças
da Desgraça, ferida do Destino,
alma, de que a amargura tece o hino
sombrio das cruéis desesperanças.**

**Não desças, Alma feita das heranças
da Dor, não desças do teu céu divino.
Cintila como o espelho cristalino
das sagradas, serenas esperanças.**

**Mesmo da Dor espera com clemência
e sobe à sideral resplandescência,
longe de um mundo que só tem peçonha.**

**Das ruínas de tudo ergue-te pura
e eternamente na suprema Altura
suspira, sofre, cisma, sente, sonha!**

CRUZ E SOUSA